



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.37

JULHO/2024





INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

ed.37

JULHO/2024

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC - ISSN/2675-520



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da EDITORA INTEGRALIZE, (SC) Brasil

International Integralize Scientific. 37ª ed. Julho/2024. Florianópolis - SC

Periodicidade Mensal

Texto predominantemente em português, parcialmente em inglês e espanhol

ISSN/2675-5203

1 - Ciências da Administração

2 - Ciências Biológicas

3 - Ciências da Saúde

7 - Linguística, Letras e Arte

8 – Ciências Jurídicas

4 - Ciências Exatas e da Terra

5 - Ciências Humanas/ Educação

6 - Ciências Sociais Aplicadas

9 – Tecnologia

10 – Ciências da Religião /Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Editora Integralize - SC – Brasil**

Revista Científica da EDITORA INTEGRALIZE- 37ª ed. Julho/2024
Florianópolis-SC

PERIODICIDADE MENSAL

Texto predominantemente em Português,
parcialmente em inglês e espanhol.
ISSN/2675-5203

1. Ciências da Administração
2. Ciências Biológicas
3. Ciências da Saúde
4. Ciências Exatas e da Terra
5. Ciências Humanas / Educação
6. Ciências Sociais Aplicadas
7. Ciências Jurídicas
8. Linguística, Letras e Arte
9. Tecnologia
10. Ciências da Religião / Teologia



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

EXPEDIENTE

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

ISSN/2675-5203

É uma publicação mensal, editada pela
EDITORA NTEGRALIZE | Florianópolis - SC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande, CEP 88032-005.

Contato: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.online>

Diretor Geral

Luan Trindade

Diretor Financeiro

Bruno Garcia Gonçalves

Diretora Administrativa

Vanessa Sales

Diagramação

Balbino Júnior

Conselho Editorial

Marcos Ferreira

Editores-Chefe

Prof. PhD Vanessa Sales

Editores

Prof. PhD Hélio Sales Rios

Prof. Dr. Rafael Ferreira da Silva

Prof. Dr. Francisco Rogério Gomes da Silva

Prof. Dr. Fábio Terra Gomes Júnior

Prof. Dr. Daniel Laiber Bonadiman

Técnica Editorial

Rayane Souza

Auxiliar Técnica

Rayane Rodrigues

Editores Auxiliares

Reviane Francy Silva da Silveira

James Melo de Sousa

Priscila de Fátima Lima Schio

Lucas Teotônio Vieira

Permitida a reprodução de pequenas partes dos artigos, desde que citada a fonte.



**INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC**

**INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC
ISSN / 2675-5203**

É uma publicação mensal editada pela
EDITORA INTEGRALIZE.
Florianópolis – SC
Rodovia SC 401, 4150, bairro Saco Grande, CEP 88032-005
Contato (48) 4042 1042
<https://www.integralize.online/acervodigital>

EDITORA-CHEFE

Dra. Vanessa Sales

Os conceitos emitidos nos artigos são de
responsabilidade exclusiva de seus Autores.



INTERNATIONAL
INTEGRALIZE
SCIENTIFIC

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC - ISSN/2675-520

TEOLOGIA THEOLOGY



ed.37

JULHO/2024

TEOLOGIA**CANDOMBLÉ E HIERARQUIA: O APRENDIZADO DA CASA GRANDE RETRATADO NOS TERREIROS....08****Autor: ANDERSON LUIZ SCOT****Contato:** aluizscot@yahoo.com.br**Orientador:** Prof. Dr. Hélio Sales Rios**CANDOMBLÉ AND HIERARCHY: THE LEARNING OF THE BIG HOUSE PORTRAYED IN THE TERREIROS.****CANDOMBLÉ Y JERARQUÍA: EL SABER DE LA CASA GRANDE RETRATADO EN LOS TERREIROS.**

CANDOMBLÉ E HIERARQUIA: O APRENDIZADO DA CASA GRANDE RETRATADO NOS TERREIROS.

CANDOMBLÉ AND HIERARCHY: THE LEARNING OF THE BIG HOUSE
PORTRAYED IN THE TERREIROS.

CANDOMBLÉ Y JERARQUÍA: EL SABER DE LA CASA GRANDE RETRATADO EN
LOS TERREIROS.

Anderson Luiz Scot
aluizscot@yahoo.com.br

SCOT, Anderson Luiz. **Candomblé e hierarquia: o aprendizado da casa grande retratado nos terreiros.** Revista International Integralize Scientific, Ed. n.37, p. 08 – 15, julho/2024. ISSN/2675 – 5203.

Orientador: Prof. Dr. Hélio Sales Rios

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre como a vivência das hierarquias nas relações sociais existentes dentro dos terreiros de candomblé promovem aprendizagens que espelham a submissão entre os indivíduos e reforçam aspectos hierárquicos que suscitam, nas relações interpessoais, que recordam aspectos históricos análogos a escravidão vivida pelos ancestrais destas religiões de matrizes africanas. Assim, este trabalho de fundamentação bibliográfica demonstra que a vivência hierarquia nestes espaços religiosos produzem relações interpessoais que recordam relações de dominação e submissão das pessoas, principalmente por parte dos responsáveis diretos das relações de poder existentes dentro das casas de santo. Os processos socioeducativos promovidos pela religião são direcionados para a manutenção da hierarquia dos terreiros e dos privilégios daqueles que os comandam ferindo, assim, as relações de fraternidade que as religiões de matriz africanas devem produzir entre os seus pares.

Palavras-Chaves: Candomblé. Hierarquia. Educação.

SUMMARY

This article reflects how the experience of hierarchies in social relations within Candomblé terreiros promotes learning that reflects submission among individuals and reinforces hierarchical aspects that arouse, in interpersonal relationships, historical aspects similar to the slavery experienced by the ancestors of these religions of African origin. This work of bibliographical foundation demonstrates that the experience of hierarchy in these religious spaces produces interpersonal relationships that recall relationships of domination and submission of people, mainly on the part of those directly responsible for the power relations existing within the houses of saints. The socio-educational processes promoted by religion are directed towards maintaining the hierarchy of the terreiros and the privileges of those who command them, thus harming the relationships of fraternity that religions of African origin should produce among their peers.

Keywords: Candomblé. Hierarchy. Education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre cómo la experiencia de las jerarquías en las relaciones sociales existentes en los terreiros de Candomblé promueve aprendizajes que reflejan la sumisión entre los individuos y refuerza aspectos jerárquicos que plantean, en las relaciones interpersonales, que recuerdan aspectos históricos análogos a la esclavitud vivida por los antepasados del Candomblé. estas religiones de base africana. Así, este trabajo bibliográfico demuestra que la experiencia de jerarquía en estos espacios religiosos produce relaciones interpersonales que recuerdan relaciones de dominación y sumisión de las personas, principalmente por parte de los directamente responsables de las relaciones de poder existentes dentro de las casas de los santos. Los procesos socioeducativos promovidos por la religión tienen como objetivo mantener la jerarquía de los terreiros y los privilegios de quienes los comandan, perjudicando así las relaciones fraternales que las religiones de base africana deben producir entre sus pares.

Palabras clave: Candomblé. Jerarquía. Educación.

INTRODUÇÃO

O QUE QUEREMOS DIZER SOBRE “HIERARQUIA”?

Quando lemos a palavra hierarquia, pensamos na estruturação dos espaços. Desde os inícios dos tempos, a palavra hierarquia vem como sinônimo de organização e determinação de poderes. Onde tem hierarquia, pressupõe-se que tem um gerenciamento e conseqüentemente uma organização rígida e com papéis definidos.

Pensamos na estrutura dos militares, onde a hierarquia conduz a tropa e faz parte da forma como aquela organização se coloca socialmente. Não é incomum ouvir ditos populares que façam alusão a essa hierarquia como modelo de organização e respeito.

Quando recorremos à palavra hierarquia, pensamos em uma estrutura de poder. Para que haja hierarquia, precisamos ter alguém “mandando” e um outro (s) “obedecendo”. A estrutura sempre se coloca dessa forma. Para Cury (2005, p.170) a questão do que determina a hierarquia organizacional é o número de níveis de autoridade e a extensão do controle em cada nível, influi na efetividade das tomadas de decisão e no sistema de comunicação da empresa.

E para Campos (1999, p.165) a hierarquia é a posição que cada grupo ocupa dentro do desenho que a organização adota. Essa atende a característica de delegação de autoridade e é alocada em posições da organização e não em pessoas. De acordo com Drucker (2001, p. 150):

Hierarquia é a ordenação de elementos em ordem de importância. Mas pode significar mais especificamente: a distribuição ordenada dos poderes, a graduação das diferentes categorias de funcionários ou membros de uma organização, instituição ou igreja e a ordenação de elementos visuais para tornar a informação mais facilmente inteligível ou para destacar elementos de uma composição.

Enquanto para Chiavenato (2004, p.158), a hierarquia é a divisão da organização em camadas ou níveis diferentes de autoridade. Na medida em que se sobe a escala hierárquica, aumenta o volume de autoridade do administrador.

Quando transpomos a teoria dos autores acima e aplicamos o modelo ao período escravocrata, tínhamos uma estrutura hierárquica que compreendia os escravos, obedecendo diretamente ao capitão do mato que respondia ao senhor de engenho. Dessa forma a hierarquia posta, o capitão do mato, que em sua grande maioria eram homens livres ou escravos libertos, torna-se uma figura violenta, que demonstra poder sobre os negros escravizados, respondendo ao senhor branco que era o dono do engenho.

Clóvis Moura (2004, p.82), descreve o “capitão do mato” como um “indivíduo encarregado de prender e restituir ao senhor o escravo fugido ou aquilombado”. Enquanto José Alípio Goulart (1972, p.70-71) os define como “indivíduos sempre prontos a caçada, analfabetos, arrogantes com os humildes, mas covardes frente aos superiores”. Além disso eram corpulentos, de má conduta, tinham de andar macio dos felinos e a disposição dos felinos a luta, além de serem macabros na aparência e nos gestos.”

Pensamos que Palmares – ou melhor, o medo do surgimento de muitos e novos Palmares – teria desempenhado um papel importante para que as mentes senhoriais e, sobretudo, a cabeça de alguns estadistas coloniais maquinarem e aperfeiçoar esse novo ‘engenho’. Não houve planejamento, nem foi feito de caso pensado por uma só pessoa, mas pode ter resultado de um longo processo, cujo movimento irregular e contraditório teria tido seu epicentro no impacto

causado pela força da resistência dos habitantes dos Palmares às sucessivas e cada vez maiores expedições repressivas. (Lara, 1996, p. 85)

Silvia Hunold Lara (1996, p.88) atenta para o fato de que as primeiras referências documentais aos capitães do mato, datam de meados do século XVII e não havia consenso sobre a terminologia utilizada para se referir aos agentes que, através de recompensas, perseguiram e capturavam escravizados, fugidos e aquilombados.

A HIERARQUIA NOS TERREIROS: APRENDER A OBEDECER?

Dada essa introdução, com brevidade, na explicação sobre hierarquia e principalmente como ela se coloca dentro do processo escravocrata, começamos a recorrer sobre a literatura que trata de como funciona a organização dentro de uma casa de candomblé e assim avaliar o seu comportamento e tentar entender o quanto do processo de escravização tem ainda hoje, dentro dessas casas e como influenciam os “novos” senhores (as) de engenho.

Uma casa de candomblé, quando pensada sob o ponto de vista hierárquico, dá-se pela distribuição de funções aos seus adeptos. Essas funções, de alguma forma, tendem a entender que, facilitará a organização do culto e conseqüentemente uma melhoria de processo ritualístico, para que aconteça de forma organizada e sistêmica.

Para que possamos entender melhor, descreveremos abaixo algumas das partes da hierarquia do candomblé com suas nomenclaturas.

De acordo com Beniste (1997, p. 230):

No Candomblé Ketú, de casa para casa ou de nação para nação, variam os cargos e seus nomes e um ou outro detalhe da escala hierárquica. Via de regra, são:

1. Iyalorixá / Babalorixá: Mãe ou Pai-de-santo. É o posto mais elevado na tradição afro-brasileira.
2. Iyaegbé / Babaegbé: É a segunda pessoa do Axé. Conselheira, responsável pela manutenção da ordem, tradição e hierarquia.
3. Iyalaxé: Mãe do Axé, a que distribui o Axé.
4. Iyakekerê / Babakekerê: Mãe-pequena / Pai-pequeno do Axé ou da comunidade. Sempre pronta(o) a ajudar e ensinar a todos os iniciados.
5. Ojubonã: É a mãe criadeira. Responsável pelo Ipadê de Exú.
7. Iyaefun / Babaefun: Responsável pela pintura branca das Iyawos.
8. Iyadagan: Auxilia a Iyamoro.
9. Iyabassê: Responsável no preparo dos alimentos sagrados.
10. Iyarubá: Carrega a esteira para o iniciando.
11. Aiyaba Ewe: Responsável em determinados atos e obrigações de "cantar folhas".
12. Aiybá: Bate o Ejé nas obrigações.
13. Ològun: Cargo masculino. Despacha os Ebós das obrigações, preferencialmente os filhos de Ogun, depois Odé e Obaluwaiyê.
14. Oloya: Cargo feminino. Despacha os Ebós das obrigações, na falta de Ològun. São filhas de Oya.
15. Iyalabaké: Responsável pela alimentação do iniciado, enquanto o mesmo se encontrar recolhido.
16. Iyatojuomó: Responsável pelas crianças do Axé.
17. Babalossayn: Responsável pela colheita das folhas. Kosí Ewé, Kosí Orixá.
18. Pejigan: Responsável pelos Axés da casa, do terreiro. Primeiro Ogan na hierarquia.
19. Axogun: Responsável pelos sacrifícios. Trabalha em conjunto com Iyalorixá / Babalorixá, iniciados e Ogans. Não pode errar.
20. Alagbê: Responsável pelos toques rituais, alimentação, conservação e preservação dos instrumentos musicais sagrados. Nos ciclos de festas é obrigado a se levantar de madrugada para que faça a alvorada. Se uma autoridade de outro Axé chegar ao terreiro, o Alagbê tem de lhe prestar as devidas homenagens.

21. Asogbá: “Braço direito” de Xangô.
22. Alagbá: Sacerdote do culto de Egungun.

E conforme salientado pelo autor, essas nomenclaturas vão se organizando de acordo com cada nação e região em que elas estão instaladas. Dentro desse organograma, o conhecimento acadêmico pouco tem importância, pois o que ditará a capacidade para o cargo será a determinação do orixá e o aprendizado adquirido no dia a dia. Segundo Verger (2003, p. 115):

Observância de uma hierarquia rígida é o instrumento que mantém permanentes as instituições, como o Estado, o exército e a religião. Sua tradução literal expressa: “...ordem e subordinação dos poderes eclesiásticos, civis e militares; graduação de autoridade, correspondente às várias categorias”.

E por não ser supervisionado, não ser legislado por nenhum órgão ou apuração de quem poderá ocupá-los, esses cargos passam a ser almeçados em suas diversas formas. Intrigas e disputas por conta dos cargos são comuns dentro dos terreiros de candomblé, o que gera um ambiente com baixa interatividade.

Comum em todos os organogramas é o almejar crescer dentro da escala hierárquica. E essa “ambição” é saudável ao processo e faz dele algo bem competitivo. Porém o crescimento, precisa ser observado e acompanhado com a competência que o sujeito demonstra dentro do processo.

Segundo Fiorelli (2004, p. 105):

A extensão de controle do gerente é determinada por sua habilidade para supervisionar uma quantidade maior de subordinados. Ela não pode ser muito ampla, pois, sem controle, os subordinados têm oportunidade de seguir seus próprios objetivos e fugir de suas responsabilidades.

Dentro do candomblé, como em qualquer outra organização, encontramos o iniciante (abiã) que irá com o tempo ocupar outro posto, como após iniciado o de iyawô. Segundo a doutrina de Verger (1995, p. 135):

O Abian, ao demonstrar o desejo de aderir ao Candomblé Ketú, ou caso seja o “escolhido” pelo Orixá para fazer parte da comunidade, recebe do Babalorixá ou da Iyalorixá um fio de contas “lavado” (colar, que, no ritual, simboliza o Orixá do neófito). Ele participa no Ilê, ajudando com tarefas civis, na preparação das festas, na limpeza, arrumação e decoração do barracão, preparo de café e almoço para a casa.

E conforme Miranda (2001, p. 75):

Ao Iyawô (iniciado no Candomblé Ketú), lhes são revelados os fundamentos mais secretos ao longo do tempo. Na sua feitura, ele ficará recluso alguns dias (período que varia de sete a vinte e um dias, conforme sua nação) num lugar chamado Roncó ou camarinha, que consiste num quarto fechado, com algumas esteiras. Lá ele fica confinado e sob os cuidados de sua Ojúbonã (Mãe criadeira), que o auxiliará e ensinará alguns comportamentos durante todo o período da iniciação.

Passados sete anos de iniciação e com as “obrigações” pagas, a esse sujeito é dado o cargo de egbonmis, onde lhe é conferido o direito de ter sua própria casa de santo e assim constituir sua hierarquia em uma nova organização.

Durante esse processo, o sujeito é submetido a diversas orientações comportamentais que refazem um caminho análogo ao vivido pelos negros escravizados junto aos senhores de engenhos. Não é muito difícil encontrar nos relatos encontrados na internet quais são os modelos de comportamento exigidos dentro de uma casa de candomblé.

Seguem alguns exemplos no quadro abaixo:

Instruções dadas pelas hierarquias nas casas de candomblé
<p>1 – Não retrucar mãe de santo</p> <p>2 - Caso tenha algo para falar que não esteja concordando, discretamente peça um minuto da atenção da mãe de santo e exponha a situação civilizadamente, sem precisar que outras pessoas presenciam.</p> <p>3 – Quando tiver visita no barracão (egbomis, ekedes, ogãs, zeladores), seja em dia de festa ou em dia corriqueiro, é de bom-tom que os filhos se abaixem para dirigir a palavra à mãe de santo. Detalhe: Só interromper a conversa caso seja EXTREMAMENTE necessário. Deve-se chegar junto à ela, ficar abaixado esperando que ela pergunte o que deseja. Quando ela perguntar, comece sempre sua frase com “AGÔ”.</p> <p>4 – Nunca, seja no seu barracão ou no barracão alheio, deve-se sentar na mesma altura que sua mãe de santo. Ela já passou por vários sacrifícios para estar sentada confortavelmente ali. Você ainda está no meio do caminho.</p> <p>5 – Yawo e abian não bebe nenhum líquido em copo de vidro dentro de seu barracão ou no barracão alheio. Deve-se esperar o bom e velho copinho de plástico ou então a conhecida DILONGA, BAN ou CANEQUINHA DE ÁGHATA, como você preferir chamar. Copo de vidro só quem tem direito é egbomi, ekedi, ogan e zelador.</p> <p>6 – Yawo e abian não come em prato de vidro ou louça. Apenas em pratinho de plástico ou ágata. Aliás, devemos lembrar que é de boa educação cada filho trazer seu devido pratinho de ágata e sua devida canequinha para seu uso pessoal no barracão.</p> <p>7- Terminou seu jejum? Pegue seu pratinho e sua canequinha, vá para cozinha e lave.</p> <p>8- Arrume seu Ilê. Mantenha tudo organizado, cada um fazendo sua parte.</p> <p>9- Em sua casa, quando você faz uma comemoração qualquer e é servida uma refeição, antes os mais velhos devem se servir, pra só depois os abians e yawos se servirem. Isso é mais que uma regra, é etiqueta.</p> <p>10 - Sempre que for servir alguém mais velho de santo, deve-se levar o pedido numa bandeja ou prato e abaixar-se para servir.</p> <p>11 - Nunca deve fumar na frente da sua mãe de Santo. Nunca fumar no barracão.</p> <p>12- No barracão o yaô não deve dormir na cama.</p>

Fonte: cf. OMIDEWA. **Sobre a roça de candomblé**, 2024

Quando pensamos a estrutura de poder (autoridade) estabelecida dentro de uma casa de candomblé, não podemos deixar de pensar na relação estabelecida entre casa grande e senzala, branco versus negros. A estrutura que monta dentro de um terreiro, vem de aprendizado obtido dentro das senzalas com os senhores brancos. Naquele momento a forma de demonstração de poder se dava pelo emprego da força, pela falta de autonomia do povo escravizado perante ao senhor da casa grande. Conforme o avançar da história, com o Brasil sendo o último país das Américas a dar liberdade aos escravizados e com a “liberdade”, a estrutura de poder ganha outro formato.

Na verdade, ousamos a dizer que reproduzimos dentro dos terreiros de candomblé os modelos aprendidos e que muitos “fundamentos”, não fazem sentido para a ritualística, e sim ocorre pelos elementos que se deitam naquele momento.

Nos tempos modernos algumas práticas não são mais autorizadas. O convívio social se estabelece através de um código de ética que implica sobretudo, respeitar o direito da pessoa humana. Cada vez mais tomamos consciência dos nossos direitos e alguns comportamentos não

são socialmente aceitáveis. Portanto, exigimos dos pares tratamento digno, respeitabilidade, uso do nosso poder de fala e consequentemente cobramos igualdade nas relações estabelecidas.

Porém, não é difícil encontrar adeptos de religiões de matriz africana reclamando de algum tipo de assédio. Segundo La Boétie (2009, p.35):

Há uma só coisa que os homens, não sei por que motivo, não tem sequer força para desejar. É a liberdade, bem tão grande e tão agradável que, quando se perde, todos os males sobrevêm, e sem ela todos os outros bens, corrompidos pela servidão, perdem inteiramente o gosto e sabor. Os homens só desdenham a liberdade, ao que parece, porque a teriam se a desejassem, como se se recusassem a fazer essa bela aquisição somente porque ela é fácil demais.

Pensar a partir do que propõe o autor acima, ser liberto nos desobriga de ter que obedecer. Culturalmente vamos sendo “moldados” ao longo da história a respeitar nossos “senhores”. E fazemos isso de forma voluntária, mesmo após o período de libertação dos povos. A fraqueza dos homens: forçados a obedecer, obrigados a temporizar, nem sempre podem ser os mais fortes. (cf. LA BOÉTIE,2009, p.30).

Refletindo sobre o que encontramos na literatura sobre hierarquia e pensando a partir disso, relacionando ao que nos deparamos dentro dos terreiros de candomblé, podemos entender que, o modelo proposto de organização das lideranças, para estruturação da organização religiosa, não se fundamenta com o que diz a ciência da administração.

O modelo apresentado pela ciência e vastamente difundido e aperfeiçoado pelos executores, ganha notoriedade principalmente, quando aplicado de forma correta, pelo sucesso da organização. Não raro encontrar nas empresas modelos de gestão que provoquem o sujeito a ser participativo e interativo com a organização, dando a ele uma sensação de pertença ao grupo e consequentemente, sentindo-se valorizado e acolhido pela organização.

Ao homem lhe falta a consciência de que poderia viver com os direitos que a natureza lhe deu, assim como as lições ensinadas pela vida, para que não se fizesse escravo de ninguém. Para La Boétie (2009, p.37):

Sede resoluto em não querer servir mais e sereis livres. Não vos peço que o enfrenteis ou o abaleis, mas somente que não o sustenteis mais, e o vereis, como grande colosso do qual se retirou a base, despencar e despedaçar-se debaixo do próprio peso.

A esse costume que fomos culturalizados a obedecer, desde os princípios tempos, precisamos entender que não nos é mais salutar a vida. O tempo presente nos apressa a atitudes de controle de nossa existência e não suportamos mais os desmandes do autoritarismo existente dentro das relações religiosas. Ao povo de santo, é ensinado o tempo todo a servir. É costume da religião dizer que, quando o iniciado “nasce” para a nova vida no candomblé, precisa-lhe ser ensinado, assim como uma criança, todos os costumes da vida.

Dentro desse modelo de sociedade, os corpos se tornam dóceis, o que potencializa sua utilidade econômica, que permite sua exploração e reduz sua potência política. A dominação dos corpos pode ser equiparada a uma estratégia biopolítica, pois ela se apossa da fé como mecanismo de controle social.

Dentro desse ensinamento aos costumes da nova vida, enxergamos o sujeito, perdendo sua liberdade e ganhando novas formas de “domesticação” para atender as exigências

comportamentais daquele novo momento de sua vida. O comportamento hercúleo adotado a partir do momento da feitura (iniciação), vai ganhando contornos de escravização do indivíduo.

O compromisso estabelecido na iniciação é irreparável. Uma vez passando pelos ritos iniciáticos, jamais poderá voltar. Esta entrada é o início de tantos compromissos, o noviço geralmente é alertado para seus futuros encargos, de modo que, conscientemente, se faça a passagem da vida não religiosa para o âmbito do axé (LODY, 1987, p. 27).

Diz-se que o norteador do candomblé para educação, seria o princípio da hierarquia e disciplina. E que a hierarquia está resumida, basicamente, em respeitar os mais velhos e a ele dedicar todo o respeito.

Respeitar ao mais velho, aquele que foi iniciado antes, significa, atender sem questionar. Executar sem saber o motivo e o porquê da execução. Não contrariar aquilo que lhe foi dito. Ouvir de cabeça baixa (algumas situações inclusive ajoelhadas). Não ponderar a forma que está sendo falada e muito menos retrucar.

A educação, em se tratando do candomblé, é uma disciplina, uma doutrina a partir do momento em que entra no axé para se aprofundar nos princípios, quando então o jovem recebe a educação, aprende a rezar, a tomar benção aos mais velhos, a respeitar o próximo não só ali no axé, como em qualquer lugar (OLIVEIRA, 2003. p. 48)

Entende-se assim que a educação dentro de um terreiro de candomblé, pode inclusive soar como opressora, uma vez que somente uma voz é quem determina. Que apenas um ser dita as regras e todos os demais obedecem. Não se enxerga uma participação colaborativa, tendo em vista que toda literatura encontrada, versa sobre a obediência aos mais velhos. Não se percebe dentro de uma casa de candomblé uma integração dos saberes e/ou uma modernização dos conhecimentos.

A figura central está alocada no responsável pelo culto (yaorixa/babalorixa, Mameto/tateto etc, tendo em vista que cada “nação” detém um nome distinto) e os demais integrantes obedecem a esse (a) senhor (a), que também obedece a alguém, pois ele também é ou foi filho em algum momento.

A essa centralização de poder, sem supervisão, sem necessidade de ter que responder a um órgão regulador, implica em diversos momentos em uma desinteligência entre as partes. Visto que hoje temos informação e conhecimento de nossos direitos. E que, socialmente alguns comportamentos adotados, por esse mais velhos, acima citado, não são mais tolerados.

A HIERARQUIA, AS RELAÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO: CONSIDERAÇÕES PARCIAIS.

O candomblé precisa sofrer uma reestruturação e reformulação da sua maneira de pensar e agir com seus seguidores. Atualizar o seu “código de ética”, entendendo que o respeito aos direitos éticos precisa ser pautado o tempo todo, pois uma convivência respeitosa e harmoniosa entre os indivíduos depende do estabelecimento desse princípio.

Quando pensamos em partir para conclusão dessa discussão, entendemos que o tema é hercúleo e, portanto, ainda detentor de muita atenção e seriedade. Que ainda nos obriga a uma atenção maior que se volte a entender o porquê de, entregarmos nossa “liberdade”, a uma única figura, que passa ser central e preponderante dentro das relações religiosas.

Muitos de nossos questionamentos não são respondidos, pois, além de termos pouca literatura sobre o tema, onde poderíamos correlacionar prática e teoria, temos um impasse com o que achamos de literatura, onde os temas não são abordados de maneira profunda, seja pelo mistério que envolve, seja pelo zelo excessivo sobre a ritualística.

As relações humanas, estabelecidas e vivenciadas dentro de uma casa de candomblé, precisa ser explicada por quem a vive, talvez, aguardar uma resposta efetiva e sistemática da literatura pode não compreender a realidade, ou então distorcê-la.

Pensar o sujeito com toda sua subjetividade e complexidade, pode nos levar a entender outras nuances de compreensão de uma religião que não tem um regimento, “um livro sagrado” e que requer um olhar com maior especificidade sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OLIVEIRA, Rafael Soares (Org). Candomblé: Diálogos fraternos contra a intolerância religiosa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- LODY, Raul. Candomblé: Religião e Resistência Cultural. São Paulo: Ática, 1987
- LA BOÉTIE, Etienne. Discurso da Servidão Voluntária. São Paulo: Editora Martin Claret, 2009.
- CARNEIRO, Patrício Araújo. Segredos do Poder: Hierarquia e Autoridade no Candomblé. São Paulo: Editora Arché, 2018.
- MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão Negra no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- GOULART, José Alípio. Da Fuga ao Suicídio: Aspectos da Rebeldia do Escravo no Brasil. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.
- LARA, Sílvia Hunold. Do Singular ao Plural: Palmares, capitães do mato e o governo dos escravos. In: REIS, J. J.; GOMES, F. S. Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- CURY, Antônio. Organizações e Métodos. São Paulo: Atlas, 2005
- CAMPOS, João. O que é Candomblé. São Paulo: Brasiliense, 1999
- DRUCKER, Peter Ferdinan. O Melhor de Peter Drucker: a Administração. São Paulo: Nobel, 2001.
- CHIAVENATO, Idalberto. Teoria Geral da Administração. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- BENISTE, José. Òrun Àiyé: O Encontro dos Dois Mundos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997
- VERGER, Pierre. Dieux D'Afrique. Lendas Africanas dos Orixás. São Paulo: Corrupio, 1995, 1997, 2003.
- FIORELLI, José. Psicologia para Administradores. São Paulo: Atlas, 2004
- MIRANDA, Agenor. As Nações Ketú. Rio de Janeiro: Pallas, 2001
- OMIDEWA. Sobre a roça de candomblé. In: https://omidewa.com.br/public_html/arquivos/492 Acessado em 08 jul. 2024 às 16h 12min.



Publicação Mensal da INTEGRALIZE

Aceitam-se permutas com outros periódicos.

Para obter exemplares da Revista impressa, entre em contato com a Editora Integralize pelo (48) 99175-3510

INTERNATIONAL INTEGRALIZE SCIENTIFIC

Florianópolis-SC

Rodovia SC 401, Bairro Saco Grande,
CEP 88032-005.

Telefone: (48) 99175-3510

<https://www.integralize.onlin>